

ZERRO

Florianópolis, Novembro de 1987

ALERTA

REITORIA:
UM JOGO
BEM SUJO

O MOVIMENTO ESTUDANTIL ESTÁ MORTO



A vingança de
SIDA

68.
MODELO
PARA
IMITAR

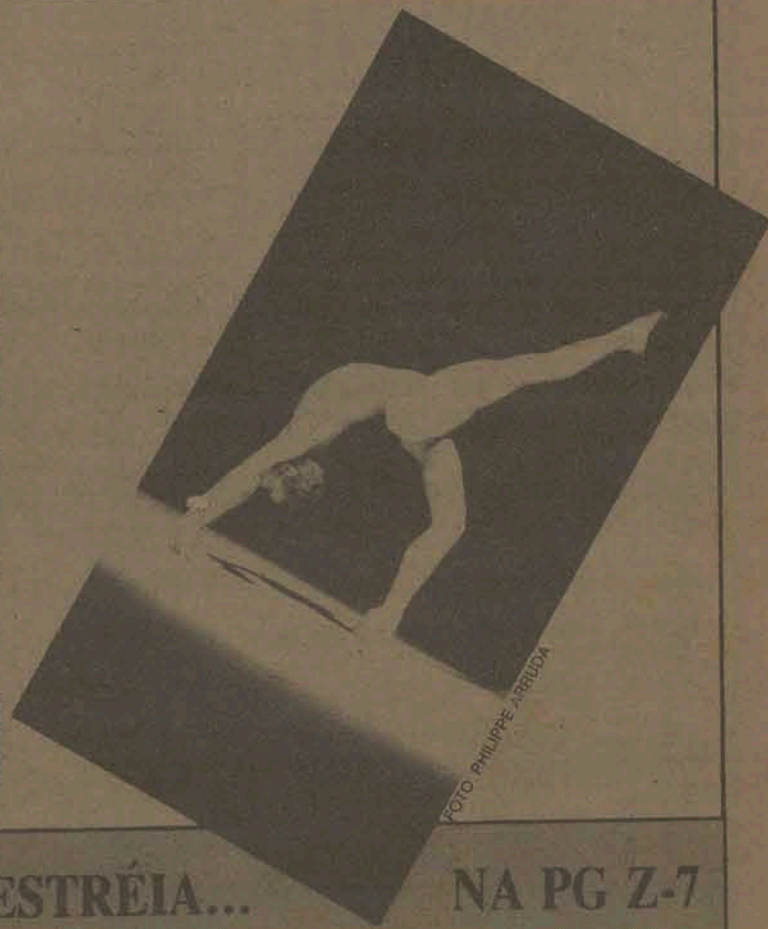


FOTO PHILIPPE ARRUDA

CADERNO Z: UMA ESTRÉIA...

NA PG Z-7



Jornal diário da Ucla dá lucro e trabalho

Estudantes fazem o Daily Bruin

Monique Vandresen

ZERO

Jornal laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta edição foi executada na madrugada de seis de novembro de 1987.

Textos: Ana Cristina Lavratti, Ana Paula Marcili, Arley Machado, Carla Cabral, Carlos Augusto Locatelli, Daniel Paim, Dauro Veras, Débora de Medeiros, Ewaldo Neto, Fernando Crocomo, Ismail Ahmad Ismail, Ivonei Fazzioni, Joachim Herbert Schmitz, Luciano Faria, Luís Carlos Ferrari, Luís Felipe Miguel, Mário Vaz, Marques Casara, Milton Spada, Monique Vandresen, Ney Pacheco, Phillipe Arruda, Rubens Vargas, Sílvia Lara Zamboni e Carlos Henrique Guião.

Diagramação: Ana Cristina Lavratti, Analu Zidko, Denyris Rodrigues, Ilka Margot Goldschmidt, Ivonei Fazzioni, Mara Cloraci Arruda de Paiva, Marcos Cardoso, Monique Vandresen, Salete Dalmoro, Sabrina F. Franzoni e Joachim Herbert Schmitz.

Fotografia: Carlos Augusto Locatelli, Ivonei Fazzioni, Phillipe Arruda, Fernando Crocomo, Carla Cabral, Ana Paula Marcili, Daniel Isidoro, Joachim Herbert Schmitz.

Edição gráfica: Ricardo Barreto.

Ilustração: Frank Maia.

Coordenação e supervisão: professores Ricardo Barreto e Luís Alberto Scotto.

Telefone: (0482) 33-9215

Telex: (0482) 240 BR

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis, SC.

Composição, revisão, acabamento e impressão: Empresa Editora O Estado.

Distribuição Gratuita. Circulação Dirigida.

O *Daily Bruin* é o jornal dos estudantes da Universidade da Califórnia (UCLA) em Los Angeles. Seus dez mil exemplares circulam de segunda a sexta, no campus e em uma área de 5 quilômetros ao seu redor. O jornal tabloide de 26 páginas, é feito exclusivamente pelos alunos, que chegam a trabalhar quarenta horas por semana em uma imensa sala, tendo à sua disposição terminais de computadores, telefones e um bom laboratório de fotografia.

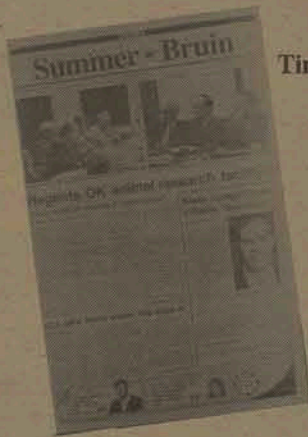
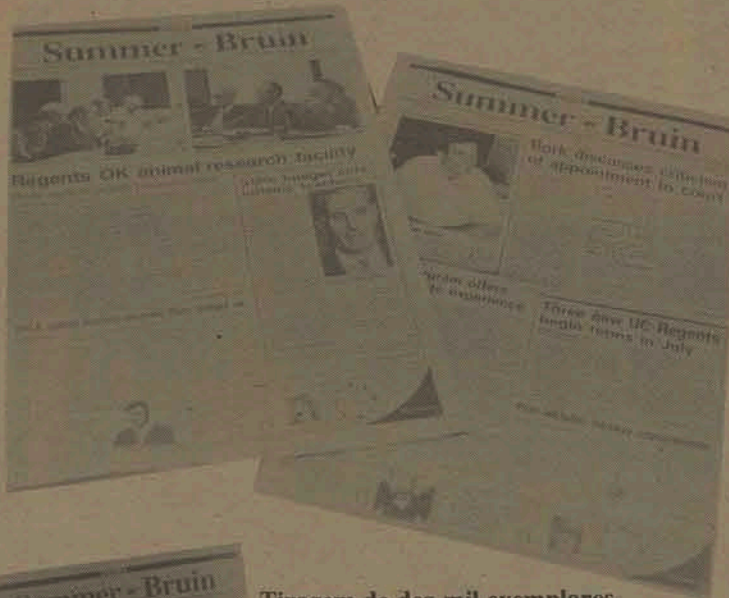
Segundo o editor administrativo Robert J. O'Connor, os alunos que estão no Bruin o fazem por amor à camisa, pois o trabalho é absorvente e o salário pequeno. São 26 repórteres, quatro editores e sete editores assistentes. Da editora chefe ao designer gráfico, todos na redação do Bruin são alunos, com exceção do conselheiro de publicidade.

Na prática, o Bruin se divide em duas partes: o jornal e a publicidade. Ao contrário dos alunos que trabalham na redação do jornal da UCLA, os que trabalham com a publicidade conseguem fazer um bom dinheiro. Anúncios de restaurantes perto do campus, filmes e lojas serão capazes de sustentar o Bruin dentro de três anos. Atualmente, a administração da universidade só paga o salário dos alunos.

Política nacional e internacional geralmente são tratadas no editorial. Notícias, Ponto de Vista, Comentário e Esportes são as editoriais fixas, e as pautas são decididas pelos editores de cada seção. O ritmo do jornal muda um pouco a cada troca de editores. Não há uma regra fixa, mas estas trocas geralmente acontecem a cada ano. Para a editora chefe, Penny Rosenberg, o Computer Graphic First System, usado desde 82, já está ultrapassado, e agora a principal luta do Bruin é substituí-lo e alcançar sua independência financeira.

"ALGO A DIZER"

A UCLA tem seu jornal desde 1919,



Tiragem de dez mil exemplares

e até meados de 50 foi conhecido como uma das publicações estudantis mais liberais. O nome *Bruin*, que vem de um ursinho, mascote da universidade, surgiu em 1960. Hoje seus editores o classificam como um jornal moderado, que tenta recuperar a força depois de um longo período em que a administração e o conselho estudantil, radicalmente conservadores, direcionaram a linha editorial. Em 56ª chamada "Editorial" foi extinta, e páginas inteiras foram censuradas pois, segundo o conselho, só deveriam ser publicadas quando tivessem "algo a dizer".

"Alguns argumentam que o jornal universitário deve inflamar os conflitos, estimular o interesse dos estudantes. Não é verdade. Nosso trabalho

é simplesmente colocar as notícias do campus de uma maneira clara e legível", dizia o editor Edward B. Robinson, em um artigo. Em 57 o Bruin era um jornal radical de direita. A "clareza" das notícias do campus pode ser vista em duas manchetes de janeiro daquele ano: "Sindicato Socialista é Subversivo" e "Acusados Trabalhadores Socialistas Ligados a Comunistas". As eleições para editor chefe acabaram, e o conselho agora indicava seus escolhidos. Segundo Penny Rosenberg, naquela época ninguém mais lembrava do Bruin crítico e da força de seu editorial.

Cinco membros do antigo conselho editorial resolveram lançar uma publicação que realmente representasse a imprensa estudantil. Começaram a distribuir o "Observar" nos pontos de ônibus, sem a permissão da administração. Apesar de moderada, a publicação foi considerada subversiva. Os custos de produção, no novo sistema OffSet, eram cobertos por empresas voluntárias, e circulou um boato de que a Fundação Ford estaria colaborando, mas nada ficou provado.

Há vinte anos que o Bruin vem tentando recuperar-se deste período. Hoje o conselho estudantil e a administração respeitam a sua autonomia, e o jornal consegue colocar questões como as intervenções norte-americanas na América Central e Oriente e a apartheid.

Surgem os alunos correspondentes

À primeira vista, editar um jornal diário de alcance internacional, pode parecer loucura. Loucura ou não, foi o que resolveram em reunião no último final de semana, alguns cursos de comunicação da Europa. Este tipo de iniciativa tem como objetivo levar a redação até as escolas, já que a situação real do dia-a-dia nem sempre está refletida nos cursos de comunicação.

O jornal já tem a participação da Grã-Bretanha, Irlanda, Dinamarca, Holanda, Espanha, Itália, Bélgica e França. O trabalho será realizado através do intercâmbio de alunos, troca de informações e jornais-escola internacionais.

Neste último a maioria das aulas é prática e os alunos envolvidos têm a possibilidade de acompanhar todo o processo jornalístico. Desde a reunião de pauta até a distribuição nas bancas e mesmo a venda ao público. Essas escolas ainda dispõem de equipamentos informatizados para trabalho com texto e composição, além de estúdios de rádio televisão. No final do primeiro ano a imprensa regional oferece um estágio obrigatório e remunerado.

Uma das idéias é utilizar as escolas de diferentes países como "correspondentes estrangeiros" e "enviados especiais" desses jor-

nais-escolas. O projeto, financiado com recursos das próprias escolas e apoio das instituições acadêmicas europeias, vem a reconhecer um aspecto que não pode ser obtido simplesmente com um curso de comunicação: o conhecimento.

O Jornal Diário Internacional atende ao princípio de que o jornalismo é uma profissão aberta e por isso mesmo sujeita a contantes transformações. Além de permitir o exercício da redação, este jornal possibilita às pessoas escreverem sobre qualquer assunto de interesse da comunidade. A loucura torna-se um exercício de competência.



Aluno agora trabalha: Zero sai na madrugada

Samuel Pantoja

De repente, a sala de redação do Curso de Comunicação Social é um caldeirão de idéias. O comandante Luiz Alberto, óculos escuros escondendo as dores da noite em claro, caminha nervosamente entre as máquinas berrando ordens. "Três de nove, baixinha, pra ontem!", dispara Scotto.

Na mesa de diagramação duas vezes três tá dando nove como resultado. Depois de 12 horas de trabalho, afinal começa a choramingar, na boca do lobo, mais uma edição do "ZERO", trazendo um especial caderno "Z". Apurando a redação, Kafka — em trajes escuros — é só concentração. Ele pára um instante e observa o zumbum, geléia geral. Mas Kafka só consegue ver caras e bocas. A sala de redação está cheia de olhos esbugalhados, rostos brilhantes, bocas secas. Mais parece uma ressaca qualquer, quem sabe transada no Condomínio Europa, na Trindade. O redator logo sai de seu devaneio.

Do outro lado do corredor, outro Comandante também de óculos escuros, secretaria a edição. Barreto, se recupera da noite sem dormir, recuperando-se junto aos alunos. Ele comanda: "Apanha o catálogo de título. Já disse que não é para tirar daqui". Alguém dá uma pancada na bunda, o "ZERO" chora. Nasceu.



O movimento sem memória

Astrologia e ecologismo: a nova moda

“A burrice é tanta, está tudo tão à vista. Todo mundo posando de artista” (Camisa de Vênus e Raul Seixas)

Enquanto a maioria dos jornais reservavam grandes espaços para a Constituinte e o “tamanho” do mandato do Sarney, a revista *Senhor* estampava na sua edição do dia 6 de outubro uma grande foto de um comício pelas diretas em 1984. Na ocasião, 1 milhão de pessoas lotou a Praça da Sé para pedir o fim do governo militar. Acima da multidão, a revista colocava a seguinte pergunta: “Para onde foi toda essa gente?”

Entre essa gente desaparecida estava o finado movimento estudantil, que no período da ditadura militar, segundo a opinião da maioria das lideranças da época, foi carro-chefe, na luta pela derrubada do regime. Hoje, dizia a matéria da *Senhor*, os estudantes abandonaram as praças e voltaram para as salas de aula. De fato, os estudantes andam sumidos do cenário político brasileiro. Não há mais greves, os gritos de protesto transformaram-se em berros histéricos no interior das discotecas e as passetas não reúnem mais de 50 pessoas. Os estudantes brasileiros não só voltaram às salas de aula, mas também foram buscar alívio espiritual nos grupos de tarô, do-in e misticismo.

SATANISMO E SACRIFÍCIO

Na Alemanha Ocidental, o

ocultismo e a magia negra são a nova moda entre os estudantes. E os saldos da nova fase do movimento já começaram a aparecer.

No início de novembro, pela primeira vez desde a Idade Média, um tribunal alemão condenou dois adolescentes pela prática de bruxaria. Durante um ritual satânico, os jovens cortaram os pulsos e a garganta de uma colega de escola. Além desse caso, a polícia alemã registrou o suicídio coletivo de jovens, membros de uma seita demônica.

Enquanto na Alemanha — berço do pensamento contemporâneo — o movimento estudantil vive seus momentos de ocultismo, aqui no Brasil proliferam os grupos ecológicos e as seitas místicas.

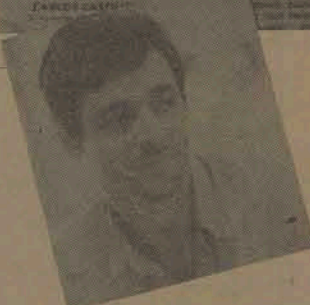
Segundo Luís Carlos Pinheiro Machado Filho, coordenador do curso de Agronomia da UFSC e ex-militante do ME gaúcho, os chamados movimentos alternativos são fruto da experiência frustrante dos alunos que, desesperados diante das crises políticas, decidem procurar um outro caminho, uma solução para seus problemas individuais. Para Machado, as pessoas confundem crise existencial com crise do mundo. “Como não encontram soluções para seus problemas, então tudo passa a ser um problema sem solução. E aí que entram os grupos místicos, a astrologia, a ecologia, etc., como forma de soluções individuais. Coisas da pequena burguesia”, conclui irritado.

Mas o fracasso do Movimento Estudantil não é apenas consequência de uma onda irracionalista que caiu como um raio sobre as universidades. A aversão ao pensamento teórico e o verdadeiro horror que os estudantes têm pelas lideranças vão além da influência da pequena burguesia no

Onda de magia e ocultismo invade escolas na Alemanha

Um tribunal alemão condenou dois adolescentes pela prática de bruxaria. Durante um ritual satânico, os jovens cortaram os pulsos e a garganta de uma colega de escola. Além desse caso, a polícia alemã registrou o suicídio coletivo de jovens, membros de uma seita demônica.

Rebeldes usam violência na luta contra governo de Uganda



Luiz: partidário

meio acadêmico. Na realidade, os motivos são os mais variados possíveis.

PARTIDARIZAÇÃO

Na opinião de Luiz Henrique Costa, presidente do Diretório Central dos Estudantes na UFSC, uma das causas do fracasso do Movimento Estudantil foi a partidarização das entidades. Debruçado sobre uma mesa onde estão espalhados uma variedade enorme de papéis e um boletim do Partido Comunista do Brasil (PC do B), Luiz alerta para o perigo da infiltração dos partidos políticos na Universidade. Para ele, a UNE,

durante a gestão da antiga diretoria, nunca foi atrelada nem a partidos nem ao governo. No entanto, em 84 a entidade apoiou a eleição de Tancredo Neves no colégio eleitoral. Dois anos depois, o então ministro da Educação Marco Maciel era o convidado de honra da posse da nova diretoria da UNE, eleita em 86 por 62.127 estudantes de um total de 1 milhão e 200 mil existentes no país.

Com base nesses fatos, o ex-presidente do DCE, Luis Cláudio Pache (o Mato Grosso) não poupa críticas à atual diretoria da entidade. Para ele, as correntes ligadas ao PC do B, até o último congresso hegemônicas dentro da UNE, e atualmente comandando o DCE, “transformaram a UNE em mais uma sigla constante no organograma do Ministério da Educação”.

No entanto, como avalia Pinheiro Machado, não são as tendências que minam o movimento, mas a prática de seus líderes. Muitas vezes as lideranças acabam reproduzindo a prática politizante tradicional, como a troca de cargos entre amigos, contribuindo para a consolidação do preconceito contra a política em geral. “Isso afasta os estudantes e enfraquece o movimento”, alerta Pinheiro.

INCOMPETÊNCIA

Por outro lado, nos últimos tempos, um outro fator veio selar a derrocada geral do ME: a incompetência e a falta de conhecimento dos estudantes sobre as coisas. Neste sentido, Pinheiro é taxativo: “Tenho medo que um dia o governo chame os estudantes para discutir a estrutura da Universidade. Vai ser um massacre. A maioria não sabe sequer o que é Conselho Universitário”. Sobre essa questão, o presidente recém-eleito da UCE — União Catarinense dos Estudantes — Lottar Hoppe, acrescenta o fato de o movimento estudantil ter perdido seu objetivo. “No período militar o alvo eram os militares, agora não se sabe para onde vai”, analisa Lot-

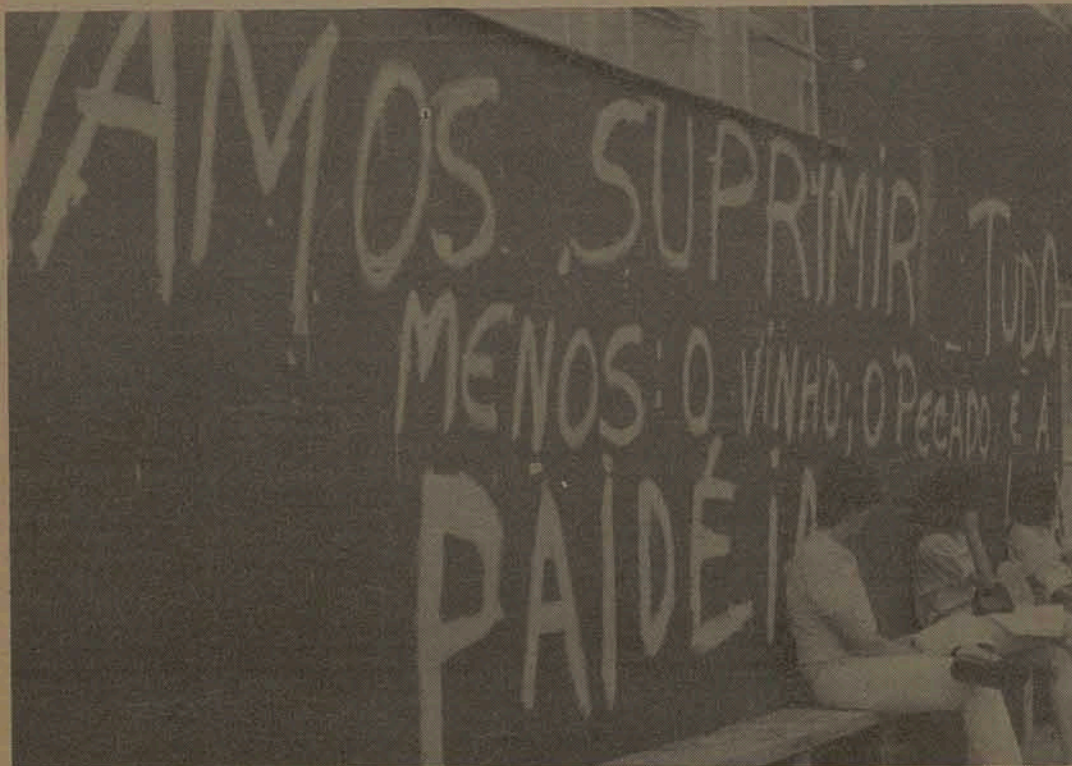
tar. Para ele, a saída só virá a partir do momento em que os estudantes perceberem que estão inseridos no contexto maior da luta por uma sociedade nova. “O atendimento das necessidades imediatas é uma coisa, agora a luta por uma causa maior, em conjunto com outras categorias, é outra completamente diferente”, explica.

Partidarização, falta de preparo técnico e teórico das lideranças, individualismo pequeno-burguês, tendência a atitudes irracionais que acabam desembocando em bruxaria, espiritismo, astrologia e outros bichos. As causas do fracasso dão a maior dor de cabeça aos que se preocupam em pensar o movimento. De qualquer forma, a realidade é que, como diz Pinheiro Machado, “se o ME não chegou ao fundo do poço, está bem perto dele”. As ruas estão vazias e a participação em congressos e seminários cai ano a ano.

Em 85, o congresso da UCE reuniu cerca de 400 pessoas. Esse ano, em Lages, não tinha 80. Dessas, a maioria foi unânime em afirmar que a sexualidade foi o tema mais interessante. Na UFSC, um líder estudantil montado num carro de som eufórico, pede aos estudantes que participem da luta pela moradia estudantil. Ao som do Ultraje a Rigor, o estudante invade os bares cantando: “Todos lutando pela moradia estudantil. Chocante!”

Enquanto isso, três mil famílias não tem onde plantar no Oeste do Estado, o desemprego e o número de greves cresce a cada dia e no mundo morre uma criança a cada cinco minutos. Alheio a tudo isto, o movimento estudantil descansa despreocupado à sombra de uma árvore. Longe das manifestações.

A primeira ocorreu em 1710, quando cerca de 500 estudantes expulsaram soldados franceses que tentavam invadir a cidade do Rio de Janeiro. A próxima, nem Deus sabe quando será.



Lá fora: desemprego, miséria e fome. Aqui dentro: vinho, pecado e loucura

A AIDS explodiu. Pacto de morte e sensacionalismo se misturaram na intenção de esclarecer o leitor. E até a Polícia se encarregou de aumentar a confusão.

AIDS

Delegado do Deic entra no conto da Aids e quer publicidade

Marques Casara

Uma garota complicada, que segundo a irmã tinha o hábito de assustar a família com mentiras sobre sua saúde e que na última visita ao Rio Grande do Sul apareceu em casa com uma perna enfaixada e um olho pintado de roxo, fingindo um acidente, foi o pivô de uma história policial em Florianópolis com repercussão nacional.

Márcia Regina Correa da Silveira, 18 anos, foi presa no dia 18 passado acusada por Rosângela Correia, a Zu, de furtar algumas roupas do seu apartamento, o 821 do edifício Helsingue, no condomínio Europa, na Trindade. Ela contou à polícia que Rosângela e seu marido João Machado, o Dedinho, portadores do vírus da Aids, faziam parte de um "pacto de morte" com a finalidade de transmitir a doença deliberadamente para um grande número de pessoas. Segundo Márcia, esta contaminação seria realizada com a utilização da mesma seringa na aplicação de cocaína e através de relações sexuais com várias pessoas.

Essa mistura de Aids, cocaína e possibilidade de morte fez o delegado Elói Gonçalves de Azevedo se imaginar no lugar de onde nunca quis sair: os jornais. Márcia disse não saber da doença do casal no princípio, e declarou ter compartilhado da mesma seringa, apesar de um primeiro exame não ter constatado a presença do vírus no seu organismo. Tampouco no de Patrícia de Oliveira, moradora do apartamento 841 do mesmo prédio, que também foi acusada de participar do pacto, ou no exame de "Patinha", que morava com ela e também participava das "sessões".

O delegado Elói Gonçalves de Azevedo, titular do Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC) acreditou no "pacto de morte". Declarou que suas investigações são baseadas em depoimentos de viciados e que cerca de 60 pessoas estariam envolvidas e provavelmente contaminadas pelo consumo de cocaína no apartamento, além de que 600 pessoas no Estado seriam vítimas do pacto. Afirmou também que João e Rosângela poderão ser indiciados por homicídio no artigo 121 do Código Penal e também no 131, que pune a propagação deliberada de moléstia grave.

Criança Problemática

Colocando a posição de Elói como irresponsável e inconseqüente, um dos advogados do casal, Nestor Lodetti, disse que o delegado "embarcou numa história de criança problemática", defendendo a posição de que "ele utilizou o caso para se autopromover sem medir conseqüências, como é de seu feitio". De fato, o delegado Elói tem pouca coisa na mão: dos cinco envolvidos diretamente nas "festas" do edifício Helsingue, somente dois apresentaram resultado positivo. Se de cinco Elói errou três, imaginem de 600.

Sem provas concretas sobre as denúncias, Nestor prevê uma ação contra o delegado Elói e também contra "certos meios de comunicação que usaram o caso de forma sensacionalista, apenas com objetivos lucrativos".

Luís Carlos dos Santos, delegado de tóxicos do DEIC, confirma a inexistência de provas: "Temos apenas testemunhas". Mas se diz convencido do "pacto de morte" e da negligência consciente do casal em oferecer as seringas contaminadas, não tomando o mínimo de cuidado e procurando se isolar dos demais membros do grupo.

Luís Carlos considerou que a atitude de Elói, apesar de impulsiva, não quis criar pânico. Disse ainda que a posição do chefe do DEIC foi dar um "grito de alerta" para a população: Falando do espírito impulsivo do delegado, Luís Carlos lembrou um caso de tráfico de cocaína, quando foi preso um homem em P'imenau que recebia a droga do Mato Grosso e fazia a distribuição para Itajaí, Balneário Camboriú e Florianópolis. O delegado de tóxicos tinha a intenção de manter o caso em sigilo, para chegar nos "caras quentes", pedindo que nada fosse divulgado. Mas Elói, segundo ele, "falou demais para os jornais e a quadrilha se antenou, tornando mínimas as esperanças de desbaratar o grupo". Luís Carlos confessou não concordar com o procedimento de seu colega.

Até agora a polícia continua na estaca zero com relação ao "pacto de morte". Sem provas e sem testemunhas só sobram as páginas de jornais com fotos de Elói fazendo e acontecendo sem comprovar coisa alguma.



Mudança de comportamento

Pacto provoca restrições e abstinência sexual

Dauro Veras

Já passou o tempo do bicho-papão. Indiscutivelmente, os temores deste final de século são outros. "Vá dormir, menino, senão eu chamo um aidético pra te pegar", quem sabe esta fórmula já não está sendo usada pelas mães mais sádicas e desinformadas, com a intenção de amedrontar seus filhos? Uma versão moderna de conto infantil poderia ser assim: "Era uma vez um monstro aidético chamado Césto, que tinha o sangue azul e cintilante..." Exagero? Bom, talvez o terror não seja ainda tão grande: O fato é que ele corresponde de forma diretamente proporcional à falta de esclarecimento.

Com o aparecimento do vírus HIV, muitos hábitos têm mudado, e verificou-se certo retrocesso em relação à revolução sexual. Uma pesquisa acurada comprovaria, por exemplo, que monogamia voltou a ser prática comum, assim como uma discriminação maior dos homossexuais. "Até deixei de ir ao cabeleireiro", disse um entrevistado. E os homo, como estão vendo isso tudo?

Um deles sintetiza: "Antes eu era passivo, agora sou reflexivo".

Até mesmo os presos estão transando menos, conforme constatou o diretor da Penitenciária de Florianópolis, promotor José Darci Pereira Soares: "Temos três apartamentos para os encontros íntimos dos detentos com suas companheiras, mas em certos fins de semana, só um está ocupado". Um dos fatores que leva a isso é o regulamento rígido, que exige exames médicos e uma série de outros requisitos. Mesmo assim, é baixo o número de requerentes a gozarem o benefício. Dos 280 presos, apenas 10 tiveram encontros íntimos em setembro. Em agosto, o número foi nove, em julho, 15. Medo? Sim, também lá dentro. Há alguns meses, a mulher de um detento morreu de AIDS, e a moçada não quer arriscar à-toa.

A arcaica e desconfortável camisinha de vênus voltou agora com força total. Alguns chegam à paranóia de usar uma em cima da outra, pra prevenir. Rubens Chaves Vargas do curso de Jornalismo, descreve seu drama: "Quando fui ao ENECOM (Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação) de Piracicaba, minha mãe queria que eu levasse

camisinha. Não levei, porque sou a favor do atrito".

Nem tudo é retrocesso. Grande parte das pessoas ouvidas demonstraram estar encarando a masturbação de forma muito mais aberta, livre de culpas. Os homens descobriram que ela não faz crescer cabelo na mão, e as mulheres viram que não fura o útero, não cria bigode nem faz as unhas caírem. Masturbação a dois, então... é a moda da temporada.

Outra vantagem dessa onda toda é que, mais que nunca, o tema sexo virou assunto do dia para todas as faixas etárias. Hoje já há crianças falando de sexo oral enquanto chupam mamadeira, delicadas com o mistério do termo novo. Em meio a tanto pânico e sensacionalismo, sempre há espaço para boas doses de irreverência. Um conhecido cabeleireiro homossexual da cidade descreve seu desespero com a situação: "Tou de jejum há tanto tempo, que de vez em quando tenho que botar uma bolinha de naftalina pra evitar o mofo".

Fala também sobre a frequência de relações sexuais: "Agora tou igual a hiena: transo três vezes por ano e ainda morro de rir!"

SIDA

A Freguesia dos motéis sumiu

Luis Carlos Ferrari

No chamado "baixo mundo" de Florianópolis caiu como uma bomba o estardalhaço feito pela grande imprensa sobre um suposto pacto feito entre doentes aidéticos para espalhar o vírus. O movimento dos hotéis e dormitórios que recebem casais caiu quase à metade e muitas prostitutas e homossexuais abandonaram a atividade.

O Hotel Levi, na Rua Bento Gonçalves, 01, é um prédio antigo de dois andares que aluga quartos para casais, a Cz\$ 300,00 o pernoite. No local também se hospedam pessoas de passagem pela cidade, menos mulheres desacompanhadas, a não ser que estejam chegando de viagem. Na recepção, duas poltronas de vulcuro puído, muitas folhagens, dois quadros e um crucifixo. Ao lado de um calendário tipo folhinha, o mural que ostenta, junto ao alvará da polícia, uma certidão do Departamento Autônomo de Saúde Pública autorizando o estabelecimento a funcionar como "dormitório". Atrás de uma mesinha onde estão apenas um bloco para controle de hospedagem e um cinzeiro, Domingos Joaquim Marques, cunhado da proprietária, nas horas de folga ajuda na recepção, e garante que o movimento continua normal.

Na saída, entretanto, um vendedor de cosméticos que se hospedara por uma noite no hotel e acompanhou uma parte da conversa confidencia: "Isso aqui é a maior espelunca que eu já vi". E isso que ele trabalha autônomo e freqüentemente se hospeda em hotéis baratos para economizar. "E só dá bicha", completa ele, indo embora.

Nas ruas é quase imperceptível essa retração. Na Francisco Tolentino as mulheres do bar Bem Bolado continuam a mexer com os homens que passam e os vigilantes dos Móveis Silva e Pivel Veículos não dispensaram suas "namoradas" ocasionais. Na Conselheiro Mafra ainda há muitas prostitutas no "trottoir", disputando os raros clientes.

É a recepcionista do Dormitório Estevão, uma mulher de mais ou menos 35 anos, loira, de óculos, que faz as revelações mais significativas. Ela diz que o movimento de casais caiu em torno de 50% nos últimos tempos, uma queda que já ocorria há uns três meses mas se acentuou muito nas últimas semanas. O próprio dormitório tratou de tomar alguns cuidados, como selecionar as mulheres e trocar sempre os lençóis, para evitar algum comentário que poria fim de vez ao negócio já cambaleante. As "meninas" também estão tratando de se cuidar: as que ainda não deixaram a "vida fácil" só transam com camisinha e reduziram muito seus parceiros.

A exemplo do que acontece na Conselheiro Mafra, a procura pelos travestis da Praça XV também caiu à metade. Volnei, que preferiu ser "Luana", conta que muitos homossexuais abandonaram a praça, com medo da doença. Ela tem seus parceiros quase somente entre homens casados, também homossexuais, e só usa camisinha quando o companheiro pedir. Os travestis, um dos chamados grupos de risco, são os que mais sofrem discriminação. Frequentemente eles são hostilizados e "xingados de AIDS", revela Luana.

Na Universidade a preocupação com os parceiros

Daniel Paim

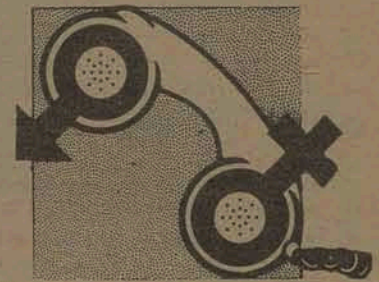
No meio universitário, o caso da AIDS em Florianópolis repercutiu de maneira amena. Sem discursos inflamados, nem medidas radicais de profilaxia. A convivência continua a mesma. Na UFSC não foi registrado nenhum caso de contaminação, pelo menos até o baixamento dessa edição...

Em princípio, ninguém se considera integrante de qualquer dos grupos de risco. Essa posição, parece, é pro-forma: é inexpressivo o número de pessoas que já "ousaram" fazer exame de sangue. Cautela todos prometem, mas o nível de desinformação ainda é elevado.

"Até há uma semana eu via a AIDS como uma coisa dos grandes centros, tipo São Paulo", foi o comentário de S., 24 anos, de Letras. Ela não se considera pertencente aos grupos de risco. Afinal, "eu não me aplico e nem cheiro porque não me adapto com a coisa. Mas o meu companheiro dá as suas cheiradinhas... Tudo bem... Agora, de repente, ele cheira... bebe, pinta uma mina... fica mais fácil a coisa acontecer. Eu vou selecionar mais os meus companheiros."

"Não transar mais! Essa a minha decisão até ter certeza de mim. Que não estou contaminada" — B., 24 anos, das Ciências Sociais. Ela se considera de risco: "mantenho relações sexuais com várias pessoas, sem questionar o parceiro. Difícil saber qual dos que transei era portador".

Os homens pensam diferente. São lacônicos. As respostas transmitem aparente segurança. Com pequenas variações, todos afirmam: "não participo de nenhum dos grupos de risco." Deve ser a associação apressada entre AIDS e homossexualismo. Ninguém



quer dar margem a insinuações... Os cuidados serão tomados. Haverá restrições nos contatos sexuais: "a gente tem que saber com quem anda. Ter certeza!" — é a opinião de Z., 19 anos, da Computação. Mas a freqüência dos contatos deverá ser mantida.

"Discuto o conceito de grupo de risco porque é muito estigmatizante e não traduz a realidade endêmica da doença", é o que afirma T., 24 anos, da Psicologia. Ela entrou em pânico. Chegou "condenar à balança" alguns dos seus companheiros sexuais. T. acha "muito sem imaginação morrer de AIDS. Romântico, ainda, é morrer de tuberculose como antigamente os poetas morriam..."

Romântico ou não, o certo é que as primeiras mudanças de comportamento já começaram a se cristalizar. A moral vitoriana está de volta. Com força total. A fidelidade, que até há pouco não importava muito, voltou a ser exigida. Passou a ser uma questão de vida ou de morte. Como comentou S., "tenho que lutar pela minha sobrevivência. Não quero entrar em pânico, mas quero me manter saudável!"

O debate sobre a "Síndrome da Imuno-Deficiência Auto-adquirida" passou a ser assunto obrigatório. Em especial na Universidade, onde vinte mil pessoas entre alunos, funcionários e professores, convivem diariamente.



Bido Muniz

Márcia, tudo começou com ela

Retomada do bruxo Cascaes reaviva arte

Obra de Cascaes continua através do projeto

Carla Cabral

A comunidade não vai ao museu, então o museu vai à comunidade. Com essa idéia na cabeça e um projetor embaixo do braço, é que uma equipe de quatro pessoas, coordenadas pelo museólogo Geley Coelho — o conhecido Peninha — pretende efetivar o Projeto Museu na Comunidade. O projeto consiste em devolver informações culturais contidas no Museu Antropológico da UFSC, aos locais de origem, para que as próprias comunidades valorizem suas tradições.

Os áudio-visuais vão registrar essas manifestações, mesclando com obras do folclorista Franklin Cascaes. O primeiro movimento a ser registrado será a brincadeira do Boi-de-Mamão. Os primeiros grupos se apresentaram como Bumba-Meu-Boi e Boi-de-Pano referindo-se ao retrato do boi que as crianças representavam através de um mamão, mais tarde surgiu o boi-de-mamão. As figuras básicas são: cavaleiro, cabra, urubu, vaqueiro, Mateus e Doutor, além do



O boi-de-mamão na visão de Cascaes

boi, é claro. Com o passar dos anos foram introduzidas outras figuras como o urso, o macaco, a Caipora, Maricota e a fantasmagórica bernúncia. As apre-

sentações têm como tema a morte e ressurreição do boi, e acontecem, antecedendo as festas natalinas até um pouco antes do Carnaval. Em Florianópolis existem várias comunidades-Pantanal, Itacorubi, Morro do Tico-Tico, Ribeirão da Ilha, Córrego Grande, Sambaqui, e Monte Verde — formadoras de grupos folclóricos de boi-de-mamão que vão participar dos áudio-visuais.

O Projeto Museu na Comunidade teria iniciado em agosto, mas por falta de verbas, ficou inviabilizado.

Agora, três meses depois, em conjunto com o Projeto Rondon, Pró-reitoria de Pesquisa e Extensão, e o Ministério do Interior, ele começa a acontecer. A



preocupação fundamental da equipe é a pequena comunidade vem sendo pressionada pelo poder urbano, como ultrapassada, reintroduzindo hábitos que destroem a forma de organização destes grupos. Evitando mudanças drásticas das relações culturais nestes locais.

Num segundo momento, o projeto deverá ser desenvolvido junto às comunidades através de uma programação integrada às escolas. Esse trabalho atingirá outras regiões do Estado com registros culturais diversos do litoral. Também existe a proposta do diretor do Museu Antropológico, Luis Carlos Halpapp, de fazer um trabalho semelhante ao Museu na Comunidade nas reservas indígenas de Ibirama e Xanxerê.

Além do tema Boi-de-Mamão, o projeto abrangerá outras manifestações da ilha-bandeira do Divino, Viagem Bruxólica à Índia, Folguedos Infantis, Pesca Artesanal, Engenho de Farinha e Renda-expressadas através das esculturas de Cascaes. O projeto é, justamente, a continuação do trabalho dele. O folclorista desenvolveu pesquisas em diversas comunidades do interior da Ilha e depois transformou em arte as informações recebidas. E sempre regressava ao local mostrando o trabalho à comunidade. O museu agora, também vai fazer isso. E Cascaes voltando.



Mais pedidos e mais promessas

Reitor Rodolfo visita o Curso e faz promessas

Na hora do fechamento do Zero, depois de 12 horas de trabalho, chega à redação o reitor Rodolfo Pinto da Luz, acompanhado de seus assessores e da Coordenadora do Curso de Jornalismo, Cíntia Naha. É a visita de fim de ano aguardada pelo Departamento para mostrar a precariedade do curso. Depois da visita, Rodolfo se reúne com os professores do curso. Promessas são feitas.

“A rádio da Universidade sai antes que eu saia. Temos que comprar os equipamentos para o estúdio de TV, pois o dinheiro diminui a cada dia que passa”. Os professores insistem: e a falta de espaço físico, de funcionários e de material de consumo como é que fica?

Mais de trinta minutos de conversa, argumentos e justificativas. No final, ficam apenas as promessas. A universidade, como sempre, não tem verbas.

FOTO: PAULO BRITO/ZERO



Grupo de Dança do curso

Teatrando: volta dia 4

Ói nói teatrando aqui traveis. 4 de dezembro vamos revirar esse curso de cabeça pra baixo. participantes: reuniões às quartas e sextas às 11 horas da manhã.

Confirmados: a Rádio Fofinha e o Grupo de Dança das Meninas do Curso.

Maiores informações??? Com Daniel Isidoro. É claro!!!

HUMOR



JASC: importação de atletas terá limites

A importação de atletas tira o caráter dos jogos

Joachim Schmitz
Rubens Vargas

Há alguns anos os Jogos Abertos de Santa Catarina vêm se caracterizando pela importação de atletas, uma corrida aos grandes centros em busca de melhores resultados. A verdade é que para que isto ocorra, para o pleno sucesso desta investida, as cidades precisam de uma boa infraestrutura. Estas condições, sem nenhuma dúvida, só algumas cidades do Estado possuem. O que se tem observado, então, é uma hegemonia destes municípios nos mais variados esportes. Este fato seria algo muito normal, portanto ao verificarmos a origem desses atletas, sem nenhum vínculo com a cidade, o verdadeiro objetivo dos Jasc, que é o incentivo ao esporte amador, é esquecido.

Nos últimos Jasc, disputados em Criciúma de 17 a 27 de outubro, como num processo evolutivo da importação que atingiu o nosso Estado, as torcidas viram muitos estranhos competindo por sua cidade. Nos meios de comunicação e nos papos sobre os jogos, o espanto era geral: a importação de atletas atinge um grande número de esportes. Há alguns exemplos



são de "super-heróis" na lista de atletas dos Jogos Abertos de Santa Catarina de 1988.

A partir do próximo ano os competidores, além de serem federados em Santa Catarina e homologados pela Confederação Brasileira, deverão cumprir um estágio de, no mínimo, 14 meses na cidade pela qual irão competir. Como exceção, cada município poderá ter na sua delegação no máximo 2 atletas que não cumpram estas regulamentações. "Com isso o Estado quer promover o nosso atleta", afirma Felipe Abrahão mesmo não acreditando que a importação maciça tenha desmotivado os nossos competidores. Fidelis Back, diretor dos Jasc, diz que o nível da competição cresceu muito este ano. Agora surge, inevitavelmente, a dúvida sobre o motivo deste avanço. Que influência teriam os "super-heróis estrangeiros"?

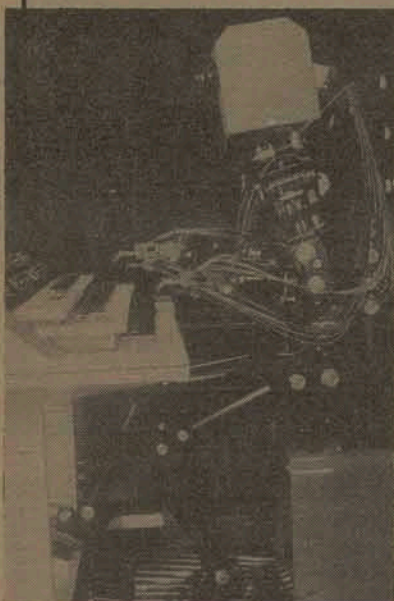
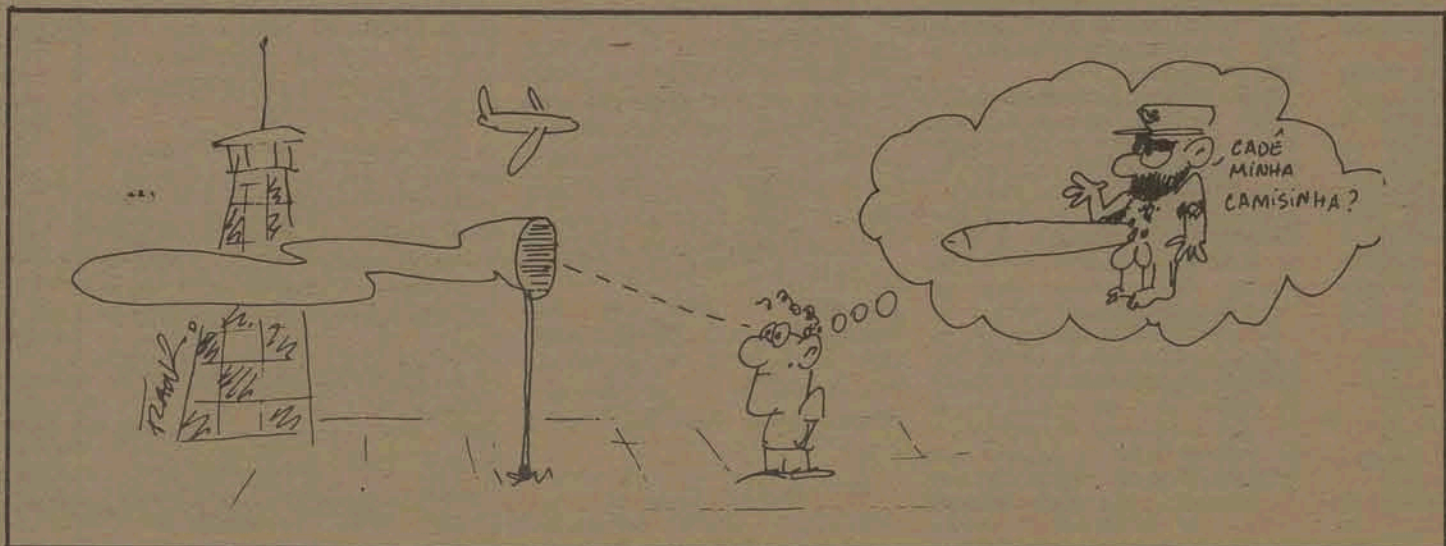
RENOVAÇÃO

Atualmente a espera por resultados imediatos, a glória a curto prazo, inibe uma estruturação sólida do nosso esporte amador. Isto decorre, principalmente, de um crescente apoio da iniciativa privada nesta área. O interesse destas empresas não ultrapassa as barreiras do imediatismo, sem se preocupar em incentivar a formação de escolinhas. Dentro desta nova perspectiva no esporte catarinense, a questão é saber até aonde isto prejudica a formação e o surgimento de novos atletas.

RESTRICÇÕES EM 88
Novas leis regem a inclu-

competir. Seu pedido foi negado e ele impetrou mandado de segurança, conseguindo uma liminar judicial liberando-o para a competição", argumentou Felipe Abrahão, coordenador de Esportes da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e, também Presidente do Conselho de Representantes dos Jasc.

típicos e evidentes deste problema. No judô, nada mais nada menos do que o bronze olímpico, Walter Carmona, levou a medalha de ouro, representando a cidade de Videira. "Walter Carmona era ligado a Federação Catarinense de Judô e participou dos Jasc em 82. Logo após, ele desligou-se e retornou a Federação Paulista, voltando a solicitar o seu retorno ao nosso Estado este ano para



O robô pianista

Primeiro robô do sul do País, com tecnologia alemã, está instalado na Mecânica

Rute Enriconi

O primeiro robô industrial da região sul, está instalado no Centro Regional de Tecnologia em Informática (Certi), na UFSC. O IPSO V15 foi adquirido com a finalidade de desenvolver pesquisas, sensoramento e aplicação de soldagem no campo da robótica, além de ajudar empresas que usam e fabricam robôs industriais no país.

O IPSO V15 está sendo operado por um pós-graduando e pelo professor Geraldo da engenharia Mecânica. Os acadêmicos do curso de Engenharia Mecânica não tem acesso ao robô. Segundo Fernando Lafratta, o mau condicionamento do robô, "pode causar acidentes graves, e os alunos não estão capacitados para operá-lo, já que se trata de um equipamento complexo".

Uma das vantagens da introdução da robótica nas empresas é que a qualidade de produção será sempre a mesma, enquanto que o homem pode alterar sua capacidade produtiva. Muitas empresas brasileiras já estão introduzindo robôs em alguns setores que merecem maior atenção.

Um computador vai permitir também a realização de pesquisas e desenvolvimento de componentes acessórios, formação de recursos humanos e prestação de serviços no campo da robótica.

O eterno dilema do sexo

Sexo e amor são tratados como se fossem segredo

Rosângela Bion

Sabe aquele dia em que o menino resolve fazer uma perguntinha. — Mãe eu queria saber como eu nasci. A mãe fica apavorada, não sabe por onde começar, mas num ímpeto coloca o menino no colo e... era uma vez numa noite estrelada...

O sexo é definido pelo padre Orlando Brandes como "um dom do criador para a união das pessoas e procriação" e visto pelo dr. Nilton César, terapeuta sexual e professor de sexologia humana, como "algo que proporciona prazer para as pessoas".

Algo assim tão forte não deveria enfrentar um silêncio tão profundo, como diria o padre Orlando, "sintomático". Ou como enfatiza o padre Mira, generalizado: "a família, a escola e até a igreja se calam". Em resposta o jovem busca um caminho próprio, conquistado a duras perdas e descobre a fórmula: sexo mais amor igual emoção e felicidade, segundo o dr. Nilton. Um belo equilíbrio afetivo.

Esta história, com muitos capítulos e fortes protagonistas, deveria idealmente se iniciar em casa, com a orientação dos pais.

Mas ainda existe muita distância entre o ideal e o real. "Tudo que eu sei aprendi na rua com vagabundos", declara Hamilton, 39 anos.

Os pais deveriam pelo menos resolver as dúvidas, tão comuns na infância, e agir com naturali-



Um prazer responsável pelo equilíbrio emocional

dade. No entanto é sempre preferível não representar uma falsa naturalidade do que dar amstras de repressão, como a que o dr Nilton descreve. "O pai quer ser moderninho e toma banho nu com a filha. Tudo muito bonitinho até a hora em que a menina mexe no pênis dele. Ele

leva um susto cai pra trás — Tira a mão daí minha filha!"

CEGUEIRA E SURDEZ

As crianças crescem. Uma série de experiências levam o adolescente a formar sua identidade pessoal. As escolas bem que poderiam orientar o jovem sexualmente, mas infelizmente ficam restritas à biologia da reprodução, enquanto o "sexo recreativo", como denomina o dr Nilton, é ignorado.

A esta cegueira e surdez corresponde uma mensagem nítida e em bom som dos meios de comunicação de massa, que vendem o sexo fácil, a mulher liberada e os modismos. "Vem surgindo muito sutilmente a história do orgasmo múltiplo. É a tirania do orgasmo: primeiro a mulher nem sabia que ele existia e hoje se vê na obrigação de ter". Neste depoimento do dr Nilton pode-se observar a imposição da ideologia do prazer, citada pelo padre Orlando como uma das bandeiras da ideologia consumista do sistema.

Mas, com televisão ligada ou não, são inevitáveis os famosos conflitos de geração. Dos quais, felizmente, o jovem tem se saído muito bem. Primeiro foi a revolução sexual dos anos 70 e início de 80 — o cara conhece a garota num barzinho: batata-frita, cervejinha... meia hora depois estão numa cama, transam a noite

toda e beijinho, beijinho, tchau, tchau. No outro dia vem o vazio, o chamado "the day after". Esta liberação, iniciada com a pílula anticoncepcional, levou as pessoas a se usarem como animais e a verem que não era por aí.

"HOJE É MELHOR"

Então surge a contra-revolução sexual, com uma nova proposta: buscar o verdadeiro amor, construir um ninho e se possível até ter filhos. Mesmo que para tal não se utilize os caminhos oficiais. E nesse ponto a igreja reconhece o "inverno profundo" que está atravessando o casamento. Na opinião do padre Mira "uma instituição que não dá certo porque há toda uma sociedade bombardeando e degradando a família". Daí só resta a esperança do padre Orlando: "a psicologia já comprovou que o homem precisa da possibilidade do amor definitivo, é por isso que o matrimônio não vai morrer, porque ele pode proporcionar esse amor".

O novo comportamento sexual pregado pela contra-revolução, que podemos qualificar como conservador, é mesmo anterior à mudança de hábitos trazida pela AIDS, e da forma com que tem conquistado audiência, parece que veio para ficar. Nesse ponto o dr Nilton não mede elogios ao falar do jovem atual. "Ele é muito mais saudável do ponto de vista sexual. Há menos

malícia e mais respeito. Hoje há mais diálogo e o rapaz também participa da contracepção".

Por isso ele proclama o fim de preconceitos como a virgindade — "o caráter e a integridade de uma pessoa não podem ficar restritos a uma membrana, a uma questão topográfica". O padre Orlando assina em baixo, a integridade está na cabeça da pessoa, no seu comportamento. A virgindade é só um conselho da igreja e numa união torna-se um detalhe insignificante, diante do verdadeiro amor.

Muitos tabus assim como idéias poéticas e consumistas cercam a sexualidade humana. Todos são unânimes em reconhecer a importância do assunto. "Se não fosse isso o povo não vivia" afirma o sr Marino, de 55 anos. E igualmente todos se calam. Será que falta a visão espiritualista que o padre Mira prega e prevalece o egoísmo do homem tecnológico, criticado pelo padre Orlando? Enquanto a orientação de pai para filho não funciona, o jovem vai passando pelas mais variadas tensões, na busca de uma vida sexual equilibrada.

Equilíbrio que encontrou o menino que naquele dia ficou conhecendo uma história, sem fadas nem bruxas, mas cheia de amor. A verdade fluiu solta, garantindo a existência de muitas outras noites estreladas.

A sexualidade humana é ainda cercada de muitos tabus





João: depois da penitenciária, para sempre no Morro

**Foragido da seca
descobre na ilha
o recanto da paz**

Henrique Guião

Os sonhos foram os mesmos de tantos e tantos nordestinos que fugiram da seca do sertão para buscar vida melhor na cidade grande. Com uma diferença: Gilson Santana, 47, um mulato baixo e raquítico veio parar em Florianópolis. A princípio trouxe a mulher e mais dois filhos pequenos que não resistiram ao frio e ao vento sul que varria diariamente todos os pequenos pertences trazidos em grandes trouxas de roupas, alojadas sob uma pequena ponte no bairro do Estreito. Pior de tudo: varreu a saúde e todas as esperanças que ainda restavam. Voltaram para a cidade natal, Quixadim, no Ceará. Gilson ficou.

A persistência deste cearense que se recusou a voltar e padecer na seca nordestina encontrou apoio em programas de assistência da Prefeitura Municipal de Florianópolis que através de albergues para indigentes, conseguiu alojá-lo por algum tempo. Pouco tempo. A vontade de ver o mar mais uma vez, além daquela visão restrita conseguida com muito esforço pela janela de um ônibus em plena BR 101, na sua vinda, encurtou sua estadia no centro da capital. Por intermédio de um mapa turístico de praias do litoral de SC e com a ajuda de conhecidos, pessoas que casualmente encontrou no seu caminho, pegou um Ônibus e parou em Naufragados, extremo norte da ilha. Não voltou mais.

Situada a uns 35 quilômetros do centro, Naufragados conserva ainda uma beleza selvagem e uma monotonia quebrada apenas por pequenos grupos de pescadores. Agora mais um fato contribuiu para tornar a praia mais peculiar: Seu Gilson. Nordestino, sozinho, escrevia para os parentes do outro lado do País uma vez por mês. Mas não mandava a carta, pois não gostava de pisar na cidade. "O cheiro é muito ruim". Ficava por lá. Pescava com anzol e catava marisco. Tudo com a ajuda dos velhos pescadores que até deram uma mãozinha nos primeiros dias.

Montaram uma barraca de lona atrás de um ranchinho onde guardava as canoas e ensinaram a arte de saber pegar um bom peixe. Nem sempre dava certo. Sem saber nadar, Seu Gilson não podia sair de perto dos costões de pedras. Tinha um pouco de medo. Orgulho também. Por sua constituição física não ser das melhores, a doença não pediu licença para abatê-lo e jogá-lo na cama, ou melhor, numa esteira estendida no chão.

Sem contar com qualquer tipo de assistência médica, os poucos moradores da região contam apenas com a sorte e um pouco da boa vontade de alguém que coloque em um barco e atravesse as correntezas que separam Naufragados da praia do Sonho no continente. Ou que encare uma caminhada durante uma hora num morro até chegar em Caieira do Sul, último ponto da ilha onde pode-se chegar de carro ou ônibus.

"Vaso ruim não quebra. A Caatinga me deu resistência e não é uma simples indisposição que vai me abater". De fato, Seu Gilson conseguiu se levantar e continuar naquela esperança de um dia, todo aquele mar, trazer alguma coisa boa. Um sopro de vida sem dor, sem lembranças.

**Morro do Horácio:
a prisão na favela**

**O Zero foi ver
onde estão os
sonhos dos presos**

Fernando Crocomo
Luciano Faria

Não é um morro qualquer. Mesmo com uma vala de esgotos passando por entre as casas, ele guarda histórias de crimes e a chegada de muitas famílias vindas do interior do Estado, desesperadas para ficarem mais perto do parente preso no casarão, na Trindade. A maior parte vem do oeste. Deixam a roça e para lá não voltam mais.

Tudo começou em 1956. A prisão do marido forçou a mudança de Piratuba para Florianópolis, onde construiu seu barraco no morro do Horácio, local próximo à penitenciária. Foram doze anos passando miséria para sustentar os cinco filhos. "Vendi tudo pelo primeiro preço que me ofereceram. Fui obrigada". Com um trabalho na cidade e "plantando arvoredo" no fundo do terreno em que mora, Arcília conseguiu manter a família. Doze anos se passaram, o marido cumpriu a pena, mas a vida com ele não foi mais possível.

Hoje com mais de sessenta anos ela ainda cuida dos filhos menores,

com o orgulho de ter se virado sozinho todos esses anos e por ter construído sua casa de madeira num terreno oferecido pela penitenciária.

Um pouco mais abaixo na descida do morro, mora dona Braulina Carvalho, viúva, hoje morando com um ex-setenciado. "Foi uma briga em Xanxerê, há 16 anos. Acabei bebendo demais e matei um primo-irmão da minha mulher, que não quis vir comigo", disse o marido de Braulina. Ele chegou na penitenciária estadual em 71 e um ano depois já frequentava o Horácio para namorar a atual companheira.

A pena diminuiu de sete para três anos. Em 74, novamente livre, João ficou pra sempre no morro e hoje tem um boteco que dá algum dinheiro. "Aqui a situação de todo mundo é igual a nós, seu José, seu Benedito, seu Juventino e mais um montão de gente já passou pela penitenciária, moram aqui mas são do interior, e não voltarão mais para lá. Voltam às vezes para a prisão".

O MORRO É XANXERÊ, CHAPECÓ

Mas seu João não vai mais voltar pra lugar nenhum. Vai ficar ali mesmo no Horácio, morro que tem a cara de quem passou pela penitenciária, com profundas marcas, características dos anos de pena.

Vizinho da penitenciária e alvo predileto da polícia em épocas de batidas, o morro do Horácio mais parece uma colônia de migrantes do oeste do Estado. Desapropriados, sem terras e sem estrutura para plantar, os filhos mais novos das famílias de agricultores vem de Concórdia, Chapecó e Xanxerê em busca de emprego na cidade.



Braulina: acolheu João

Aqui, ao invés da tão sonhada casa e do emprego seguro, só encontram baixos salários. Em pouco tempo, conhecem o crime, se envolvem com o roubo, descobrem um modo eficaz e rentável de ganhar a vida. Depois são presos. A família vem em seguida, para ficar mais perto do parente.

O morro do Horácio pode ser dividido em três partes. O começo, à beira da Lauro Linhares, constitui um dos metros quadrados mais caros da cidade. Ali, são erguidas as mais lindas mansões. Na segunda parte, aparecem os primeiros sinais da miséria. Uma vala onde são jogados, além do lixo produzido pelos filhos de classe média as fezes da maior parte da população é a paisagem principal.

PLAY GROUND E GALINHAS

Porém, nessa primeira etapa, a vala é coberta com concreto, sobre o qual foram construídos alguns canteiros de flores. No último estágio, no ponto mais alto do morro, o mau cheiro se espalha por toda a parte. Ali, já não existem mais canteiros floridos e os dejetos são jogados diretamente na vala, que aos poucos vai adquirindo uma coloração escura, misturada à espuma que se forma nos cantos das valetas menores.

As pedras no meio do esgoto cumprem uma dupla função: servem de ponte e de "play-ground" para as crianças. Não há nem muro de segurança, Porcos, cachorros, galinhas, ratos, sapos e crianças convivem num mesmo espaço. A prefeitura aparece de vez enquando: em épocas de eleição ou para cobrar taxas de manutenção e serviços, que não existem.

A margem dos casebres e dos barracos, sobrevive um comércio diversificado. Pequenas vendas comercializam caixas de fósforos, pães, bananas, balas, refrigerantes, farinha, sal e azeite. Entre os pequenos botecos, trabalham lavadeiras, costureiras e traficantes. Tudo num mesmo mundo.

O telefone público, o fusca 66 incrementado na garagem improvisada e o som estridente que sai de dentro do barraco, não modificam em nada a imagem do morro. No Horácio, a única esperança são as quatro igrejas que funcionam espalhadas pela favela. Duas são da Assembléia de Deus, uma é católica e outra é presbiteriana. Apesar das diferenças, todas utilizam um mesmo discurso: "a pobreza existe por obra do destino, Deus quis assim, amém".

Eleições:

DCE muda este ano?

Ismail Ahmad Ismail

Nos dias 17 e 18 de novembro haverá eleição para a nova diretoria do DCE, paralela às eleições para Reitor. Quatro chapas estão inscritas: Reconstrução, Paidéia, Viração, Movimento AZ.

Esta é a primeira vez que se inscreve um número tão grande de chapas. Gimena, atual diretora de cultura e candidata a Câmara de Ensino e pesquisa pela chapa Viração diz que "a atual direção do DCE tornou a entidade viável administrativamente, principalmente depois da reabertura da cantina e do auditório do Convivência".

As chapas estão fazendo uma campanha corpo-a-corpo, sala-a-sala, com excessão da chapa Reconstrução que está fazendo um trabalho mais a nível de Centros Acadêmicos. A Viração possui um cronograma das turmas e cursos e vai tentar passar por todas as salas. Wlade, candidato a Presidente pela Paidéia, coordena um trabalho de conversa com os estudantes até a confecção de cartazes e "pixações" por toda a Universidade. A Movimento AZ, transformou o Xerox do Sócio-Econômico, onde trabalha Palma seu candidato a Presidência, no seu centro de contatos e ponto de confecção de panfletos. Quanto a chapa Reconstrução pouco se encontra, não faz propaganda.

AS PRIORIDADES

Mas no que realmente interessa saber nesta "guerra" — as propostas de cada um — as concorrentes tiveram uma plataforma mais ou menos parecida. A excessão da Paidéia, que propõe um trabalho voltado à "cultura em todos os âmbitos". Em vez de papel para panfletos, vamos usar este material em revistas culturais e em defesa da ecologia e dos direitos humanos. Além disso, propomos uma administração anti-comunista, anti-anarquista, anti qualquer filosofia política pois elas são ortodoxas e nós queremos algo bem livre e aberto" esclarece Wlade. Já Gimena, da Viração, diz que sua chapa pretende "uma administração voltada para a Universidade, desde as coisas mais simples como uma mesa de tênis de mesa até assuntos como a moradia estudantil. Adilson candidato a Diretor de Ensino pela Reconstrução garante que irão "fazer menos shows que a atual direção e trabalhar mais concretamente nas necessidades básicas da Universidade, como a moradia e as Pesquisas e Extensão". Palma, do Movimento AZ, acha que "as prioridades são a moradia estudantil, uma Rádio Livre, um Sebo e um jornal semanal, onde quem escrever será remunerado".

AS DIFICULDADES

Todas elas concordam que enfrentar uma campanha como esta e administrar um DCE não é fácil. Para isto, a chapa Viração conta com 72 integrantes, 62 a mais que o número de cargos que são 10. Palma diz que provavelmente vai rodar em quase todas as matérias. "Alguma coisa a gente tem que sacrificar", afirma ele.



Alunos usam árvore depredada para fazer movimento contra desmatamento

Colégio de Aplicação invade a Universidade

Alunos protestam contra o desmatamento

Carlos A. Locatelli

Na última quarta-feira o Campus Universitário foi invadido pelos alunos do Colégio de Aplicação. Eles protestavam contra o desmatamento do bosque próximo ao Colégio, que é utilizado para fins didáticos e de recreação. No local será construído o Centro de Ciências Físicas e Matemáticas. Na ala "C" do RU os candidatos a reitor tiveram que ceder a palavra a 250 alunos de primeira a quarta série, e no bosque as motosserras calaram frente os estudantes de segundo grau.

Ao ritmo do "dá-lhe, dá-lhe, olé, olé, olé" dos estádios brasileiros, crianças de 5 a 11 anos cantavam "é a natureza, é a natureza, olé, olé, olé". As "tias" tiveram dificuldade para que todos escutassem os candidatos a reitor falar. Mas como nenhum deles pode fazer uso do poder, ao menos oficialmente, a reitoria foi invadida por uma comissão de crianças e professores. Contudo a professora Gláucia Schenkel não pôde esconder sua decepção, após conversar com o Reitor em exercício. "Para ele as árvores estão sendo cortadas em nome do progresso, e isso é um



As crianças querem seu bosque, a reitoria também

absurdo. Entendemos que a Universidade precisa se expandir, mas a criança precisa brincar, subir em árvores, enfim, ser criança", disse Gláucia.

Enquanto isso no bosque as motosserras não matavam mais. Segundo o exemplo dos alunos do primário, os estudantes de Segundo Grau pararam o trabalho da empreiteira.

"Nós vimos os pequenos indo para a briga e não poderíamos ficar parados. O movimento nasceu espontaneamente, pois todos entenderam que o desmatamento não pode continuar", comentou Pedro Saraiva da Silva, aluno do Colégio. Utilizando as árvores caídas como palanque eles realizaram uma assembléia e decidiram dividir o grupo em duas partes. Uma delas ficou no local e outra foi à Reitoria exigir explicações. Lá eles foram "enrolados" por um representante da Pró-Reitoria de Assistência a Comunidade Universitária, que após uma reunião passou a bola para a Prefeitura do Campus, que não tem qualquer poder de decisão sobre o assunto.

Numa sala carpetada, com belos quadros, ar condicionado e folhagens, o Reitor em exercício, Aquiles Córdova dos Santos, disse que a derrubada das árvores não poderia ser evitada. "Há três anos a área foi destinada, pelo Plano Diretor da UFSC, para o Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, cuja construção não pode mais ser adiada". A obra será feita em módulos, primeiro Química, depois Física e Matemática, e segundo ele as árvores abatidas serão as últimas, já que o prédio crescerá para o lado oposto ao bosque. "O IBDF autorizou o corte de 75 eucaliptos, e se soubéssemos que uma coisa sem importância como essa causaria tanta polêmica teríamos armado uma estratégia: cortaríamos as árvores em janeiro", finalizou um Reitor em exercício.



PM e UDR unem-se para expulsar os sem-terra em SC

Reforma Agrária para o governo significa violência. É o que coafirma o despejo dos sem-terra

Cinco horas da manhã de quarta-feira, dia 4. A ordem do comandante Pedro Ivo já estava sendo cumprida. Juntamente com os membros União Democrática Ruralista (UDR), 700 policiais militares retiravam cerca de três mil famílias de sem terras que haviam ocupado latifúndios improdutivos das cidades de Campo Erê e Irani, no oeste catarinense. Três horas mais tarde, todos estavam na estrada, onde foi feita uma triagem para identificar as lideranças, incluídas depois em inquérito policial.

Mais uma vez sem-terras, foram escoltados aos locais de origem, para trabalhar como meeiros e arrendatários.

Em Campo Erê as ocu-

pações começaram na sexta-feira, dia 30, com camponeses vindos de Chapecó, Saudades, Faxinal dos Guedes, Maravilha, Modelo, entre outros municípios. O inquérito policial foi aberto pelo delegado Joãozinho Zanella, que por coincidência ou não tem o mesmo sobrenome de um proprietário de terra ocupada em Irani — Antônio Moacir Zanella.

Seu latifúndio foi ocupado por cerca de 900 famílias. Também em Irani, 800 famílias ocuparam a Fazenda Trevo, de propriedade de Mário Zanella.

Para Carlos Bellé, presidente da Comissão Pastoral da Terra, a ocupação mostra claramente que inexistente o "ambicioso" Plano Regional de Reforma Agrária (PRRA), elaborado em 1985 pelo Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário (Mirad). O Plano prevê para o período 85-89 um total de 27 mil famílias de sem-terras assentadas. Esse número corresponde a 38,5% das 700 mil pessoas sem-terra existentes em Santa Catarina. Percebe-se então que o Plano já tem deficiências quando

pretende assentar um número bastante reduzido de camponeses.

Para piorar a situação dos sem-terra, o PRRA nem de perto vem cumprindo a sua meta de assentamentos até 1987. A previsão inicial era de 8.700 famílias assentadas.

Até agora somente duas mil conseguiram um pedaço de terra para produzir, a grande maioria sem a mínima infra-estrutura necessária para sua sobrevivência. O próprio delegado do Mirad em Santa Catarina, Jacó Anderle, diz que essas famílias vivem em estado de pobreza absoluta.

Além da pouca disposição do Mirad em fazer a Reforma Agrária, os sem-terra encontram outro grande obstáculo para a implantação do PRRA: o crescimento da União Democrática Ruralista (UDR) no Estado. Os latifundiários da "entidade" centralizam as suas atividades em Lages e contam com um exército de assassinos profissionais a sua disposição, segundo acusações da CUT, para "garantir o legítimo direito à propriedade".

A Reforma Agrária é ameaça à transição, diz o governador

Três dias depois da ocupação das áreas no Oeste, o governador Pedro Ivo Campos convocou a imprensa para uma entrevista coletiva. No seu confortável gabinete no Palácio Santa Catarina, ele discorreu à vontade sobre as realizações de sua administração. Mas perdeu o rebolado quando foi abordado sobre o conflito de terras.

— Só vinte por cento dos invasores são realmente agricultores sem terra — disparou o governador, apoiado nas informações certamente confiáveis do prefeito de Campo Erê, Darcy Furtado. O restante seria composto por "proprietários estabelecidos", que "deixaram suas terras para invadir as alheias", certamente movidos por "questões políticas", na malvada tentativa de "desestabilizar a transição democrática". Em suma: um discurso pelo qual Pedro Ivo merecia ser promovido de coronel a general. Só faltou falar

em "ideologias exóticas".

Mas o governador não parou por aí. Assinalando que só estava mandando a PM à região para evitar a presença de tropas federais no Estado, ele garantiu que seriam deslocados apenas 200 homens. Pedro Ivo tem diploma superior em Matemática, mas pelo jeito não aprendeu a contar. O total de policiais envolvidos na operação de despejo superou a casa dos 700.

Ao final, Pedro Ivo frisou que tem toda a simpatia pelo movimento dos "sofridos" trabalhadores rurais sem-terra. Sua crítica eram dirigidas apenas aos políticos "inescrupulosos" que procuravam se aproveitar do movimento. Talvez ele estivesse se referindo ao deputado estadual peemedebista Gasparino Raimondi, que emprestou um caminhão de sua propriedade para desalojar os acampados de Campo Erê.

Eleitor faz papel de bobo



FOTO: LOURIVAL DOS SANTOS

Arno Bollmann

De onde vem o apoio de cada candidato

Arno Bollmann: é o candidato dos estudantes, tendo sido escolhido numa convenção que envolveu representantes de todos os segmentos da comunidade universitária. Conta ainda com apoio seguro de grande parte dos professores e servidores.

Bruno Schlemper: é o candidato da reitoria. Em função de "negociações" com lideranças dos servidores, conta com o voto dessa categoria.

Arno Blass: é apoiado por alguns membros do Centro Tecnológico, não possui maior representatividade.

Hamilton Schaeffer: Possui boa popularidade, mas entre os alunos não parece ter obtido muito prestígio.

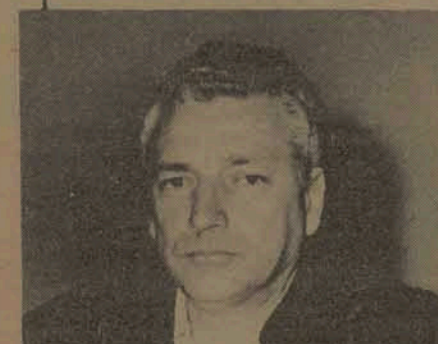


FOTO: LOURIVAL DOS SANTOS

Hamilton Schaeffer

Textos de Arley Machado, Débora de Medeiros, Ivonei Fazzioni e Milton Spada

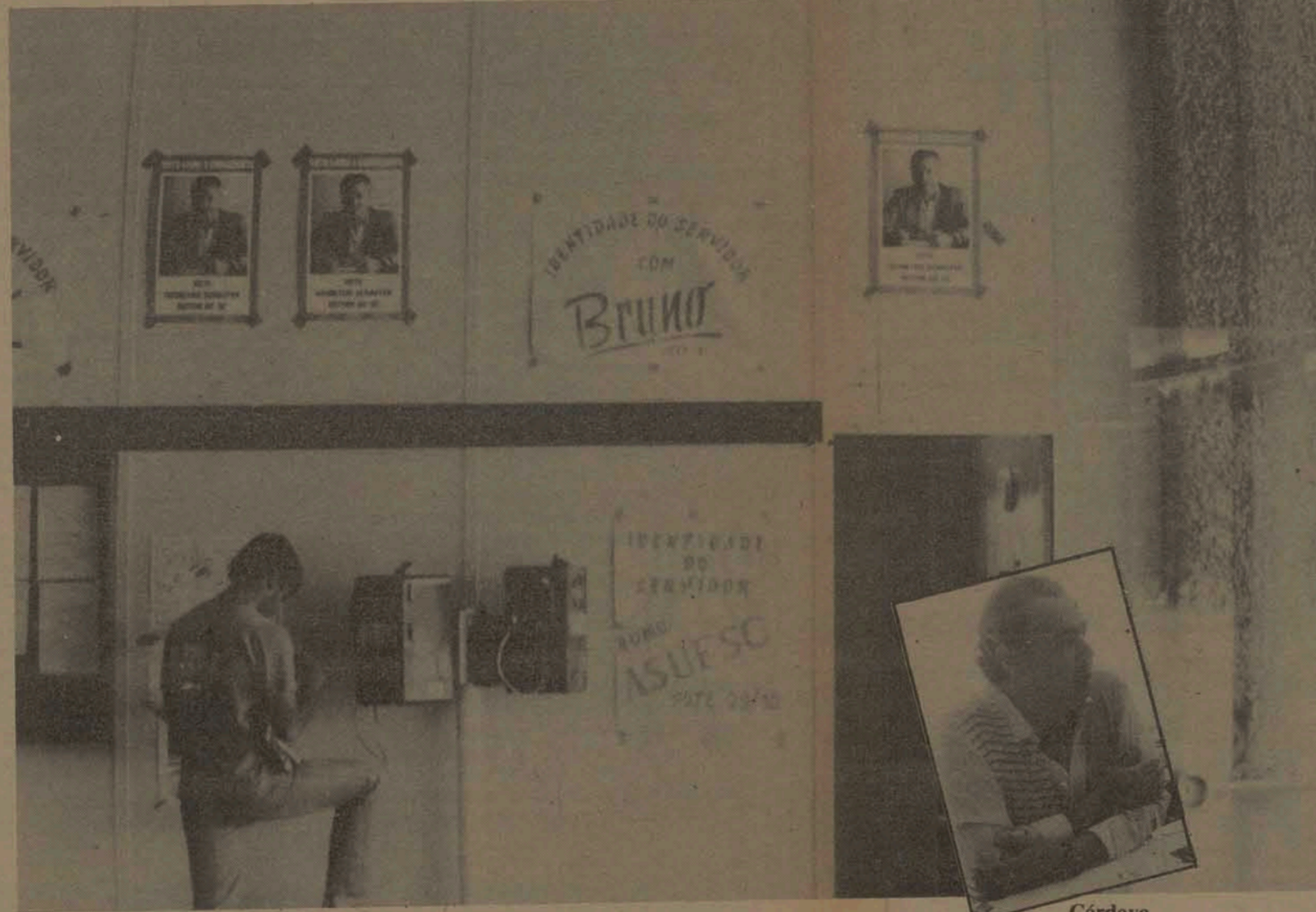
Quanto vale um voto para reitor? Se depender do professor Aquiles Córdova dos Santos, que na semana passada atuou como Reitor em exercício, nada! Começa que ele não partilha da idéia de que todos devem ter direito ao voto: "pra quê todo mundo votando?", pergunta. Na sua opinião, a escolha do reitor deveria acontecer via Colégio Eleitoral, mesmo que isso dê margem para manipulações. "As manipulações acontecem em qualquer nível", diz, e completa: "o reitor não decide nada, é o CUN (Conselho Universitário) que aprova, ou não, qualquer decisão que se queira tomar". Portanto, alunos, professores e servidores irão fazer papel de bobos neste processo eleitoral que inicia na próxima semana.

De qualquer forma, as eleições acontecerão no próximo dia 18, em um único turno, seguindo o critério da paridade, ou seja, o número de votos por candidato é dividido pelos votos por categoria e multiplicado por 1/3. O que significa que os professores, cerca de dois mil, têm o mesmo peso do voto dos alunos, que são em número aproximado de 15 mil.

No entanto, se por um lado o professor Aquiles afirma que o reitor não manda nada, por outro o que se tem visto é que a própria reitoria tomou as devidas providências no sentido de eleger um candidato do seu interesse: o professor Bruno Schlemper. "Um candidato que foi apontado pelo gabinete da reitoria principalmente por pertencer à maçonaria", afirma convicto o professor Erich Stemmer, do Centro Tecnológico. E Bruno tratou de não perder tempo: conquistou o apoio decisivo dos servidores, oferecendo em troca a Pró-Reitoria de Administração. Neste sentido, o desabafo de José Heliodoro, funcionário da Prefeitura do Campus, é esclarecedor: "hoje o que se está vendo na nossa universidade é leiloamento de cargos. Houve negociação com alguns servidores, principalmente algumas lideranças da Associação, favorecendo o candidato Bruno. Não se negocia ensino, e tem gente negociando isto por altos cargos, e salários de 104 a 120 mil cruzados".

Outro que se manifestou quanto a essa questão foi o funcionário do Centro de Educação, Pedro Costa. Ele considera um absurdo "o fato de um candidato a reitor negociar uma coisa que não é dele, as Pró-Reitorias, que são da Instituição. Inclusive, este movimento chamado de Identidade do Servidor, está querendo mais uma pró-reitoria, além da de Administração, que já está garantida para eles". O próprio candidato a reitor Arno Blass, acrescenta que "eu mesmo recebi propostas dessa natureza".

O acordo entre o candidato Bruno Schlemper e a Asufsc surgiu de um contato com quatro representantes da Associação: Newton Parma, Gilberto Mattos, Fernando Fonseca, e o presidente João Batista, para quem "a ocupação de cargos é uma busca



Bruno e servidores: identidade até nos cartazes

de valorização dos servidores". Ele diz que o grupo é "independente regimentalmente, mas tem poderes legítimos para representar a categoria". Para o servidor Darcy Espindola, no entanto, "ganhar a Pró-Reitoria de Administração não significa objetivamente nada para mim". Essa opinião parece não interessar ao presidente da Associação dos Servidores, João Batista, que quando fala gesticula muito. Ele aproxima as mãos do seu peito, e fala, seguro de si: "estamos apenas dando mais um passo".

Jogo limpo, ou não, o fato é que a vitória de Bruno já é tida como certa entre os que o apoiam, e os demais candidatos correm atrás do prejuízo. Arno Blass, Hamilton Schaeffer e Arno Bollmann garantem que podem reverter este quadro. O destaque fica por conta do candidato Arno Bollmann, que pode ser considerado como a legítima oposição destas eleições, uma vez que sua candidatura surgiu de uma convenção realizada com a comunidade universitária. Bollmann garante que "os alunos podem decidir esta eleição, para isso basta que votem, maciçamente, de

mostrando que estão dispostos a lutar por uma universidade mais democrática, e de fato voltada aos seus interesses".

Intrigas de Campanha

Para o professor Aquiles, "a campanha tem acontecido num bom nível". No entanto, foram observados alguns problemas, como no caso dos cartazes, e é o próprio Aquiles que, contraditoriamente, afirma que "os cartazes que permanecem durante o dia, são do último candidato que panfletou durante a noite".

As paredes se transformaram em painéis de papel arrancado: eles caem com mais facilidade do que são afixados. Isso não ocorre por falta de cola, pois o adesivo utilizado é o mesmo das agências de publicidade. As maiores queixas surgiram dos candidatos de oposição, que tiveram dificuldades de realizar suas campanhas no prédio da reitoria. O professor Erich Stemmer denuncia que Sydneia De Oliveira, quando ocupava o cargo

de pró-reitoria, "não permitiu que fossem afixados cartazes na reitoria". Stemmer afirma que "alguns cartazes que haviam sido colocados em locais mais altos, foram deliberadamente arrancados". Os candidatos Bollmann e Schaeffer tiveram que invadir a reitoria para abrirem seus espaços nas paredes daquele prédio.

Outro exemplo. Era a noite do último dia dois. Um grupo ligado ao candidato Bollmann começava a colar um cartaz quando foi abordado por um segurança do câmpus (omitimos seu nome para que não venha a sofrer represálias), que, autoritário, disse: "não colem este cartaz, pois tenho ordens superiores para arrancá-lo". Quando procuramos a chefia da segurança, a ordem não foi confirmada nem desmentida.

Outra acusação feita à reitoria é a de manipular o processo eleitoral. Segundo Luiz Henrique, do DCE, "a decisão de uma Assembléia Geral Acadêmica foi desrespeitada pelo CUN, pois estava definido que a Comissão Eleitoral seria composta pela Asufsc, Asufsc, DCE, e CUN, com um representante cada". E o que

ocorreu foi que o CUN, onde votam até mesmo dois empresários — "representantes do povo", segundo o vice reitor —, incluiu mais um representante do Cepe e um do Conselho de Curadores, cujos interesses fecham com a reitoria. Assim ficou fácil impor que as eleições aconteçam num único dia, ao contrário do que queriam os estudantes.

Além do mais, as reuniões da Comissão Eleitoral aconteceram à sete chaves. Numa delas, o presidente, e ex-reitor na época da ditadura Roberto Mündell Lacerda, expulsou grosseiramente nosso repórter fotográfico da sala, se desculpando minutos após, posando sorridente para uma foto. Para Lacerda, qualquer publicidade é sempre bem vinda.

Na oportunidade, também foi fotografado, o presidente da Asufsc, João Batista — que faz parte da Comissão. No dia anterior, ele havia afirmado que não participaria das discussões que referendaram as eleições num único dia. Para ele, decide uma eleição quem votar. Para quem acha que o cargo não manda nada, a reitoria está jogando pesado nestas eleições.



Flagrante: funcionário arranca cartaz de candidato

Apático, movimento estudantil prepara duas eleições

Mais uma vez a UFSC sai na frente: as eleições para reitor estão de volta. A grande alteração em relação ao que aconteceu quatro anos atrás, é que agora não há mais lista sêxtupla. As eleições serão apenas uma prévia, mas o Colégio Eleitoral se compromete formalmente a referendar o nome do candidato vencedor. Só que nem tudo são flores: a participação dos alunos, principalmente, diminui cada vez mais.

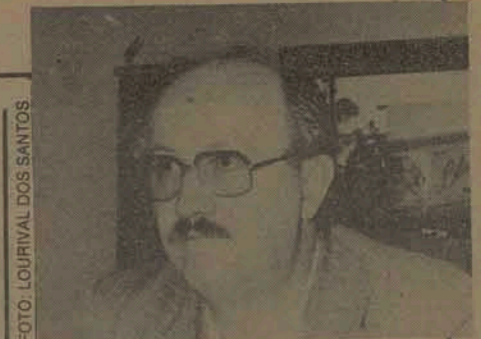
A grande maioria dos estudantes declara não ter candidato e estar totalmente por fora do processo eleitoral. Segundo Marcelo Cardoso, aluno da Engenharia Mecânica, os próprios candidatos têm demonstrado pouco interesse pelos alunos. "Acho que alguém tem um trunfo nas mãos, pois até agora nenhum deles se deu ao luxo de fazer uma visita às salas de aula do CTC", disse. Para a professora Elisabeth Albuquerque, diretora do CCE, "os alunos são desinteressados, e a maioria é despolitizada". Mas de quem é a culpa?

O candidato da chapa "Reconstrução" Angelo Aurélio, que concorrerá ao DCE, afirma que

essa desmobilização dos estudantes se dá "em função do pouco trabalho que se tem feito para valorizar os movimentos de base, como os Centros Acadêmicos". Segundo ele, é preciso fazer com que os estudantes "redescubram o seu papel e voltem a acreditar na função social do movimento estudantil".

Uma das grandes reclamações de quem faz movimento estudantil é a decisão de uma mesma data para as eleições da reitoria e DCE. O presidente do Diretório, Luiz Henrique, afirma que "se trata de um ato autoritário do CUN, e que bem prova a sua filosofia antidemocrática".

Das quatro chapas que concorrerão ao DCE, apenas duas se manifestaram quanto à eleição para reitor. A "Paidéia" se diz "alternarquista", por isso não se manifesta. A chapa "AZ", cuja plataforma se baseia, praticamente, na criação de um sebo para a universidade, não apóia candidato algum. Já as chapas "Viração", situacionista, e a "Reconstrução" são mais explícitas: apóiam o candidato Arno Bollmann. (Mais informações sobre eleições para DCE, página 15).



Arno Blass

Lista negra de intransigentes já chega a 20

Desde o início do processo sucessório da reitoria, um dos pontos que mais gerou polêmica foi a definição de datas para o pleito. Para a reitoria, um dia basta. "Trata-se de um número limitado de votantes, para um espaço limitado. Não vejo porque a necessidade de dois dias de votação", questiona o vice-reitor Aquiles Córdova. Para ele, "quem quer participar, vem e vota". Um pensamento que não se assemelha nem um pouco ao do Diretório Central dos Estudantes, cujo presidente, Luiz Henrique, não hesita em afirmar que "se trata de um ato autoritário do Conselho Universitário". Nem mesmo um abaixo-assinado com quase três mil assinaturas de estudantes, servidores e professores fez com que o CUN voltasse atrás.

Até o momento do fechamento desta edição do ZERO o CUN se mantém intransigente quanto a essa questão. A seguir publicamos a lista dos nomes daqueles que foram contra a eleição em dois dias:

Roberto Lacerda (presidente da Comissão Eleitoral), Oswaldo Momm (pró-reitor de Administração), Glauco Olinger (pró-reitor de Planejamento), Diomário Queiroz (pró-reitor de Pesquisa e Extensão), Luiz Pegoraro (Prac), Zeferino Sachet (CCA), Mabel Silva (CCB), Professor Polidoro (CCS), Professor Azambuja (CSE), Jacir Monteiro (CED), Osvaldo Ferreira de Melo (CCJ), Hermes Zaccini (CSE), José Luiz Sobierajski (CCJ), Professor Vilson (CFM), Professor Fiuzza (CFM), Gilberto Matos (Asufsc), Lourival Pierr (Asufsc), Maria de Fátima (Asufsc), além de mais dois representantes de associações empresariais, que também fazem parte do CUN.



Bruno Schlemper Jr.

FOTO: LOURIVAL DOS SANTOS